



EXPRESSO/ATUAL – 27 de Setembro de 2014

OS GATOS NÃO TÊM VERTIGENS **de António-Pedro Vasconcelos**

Há uma velha senhora (Rosa/Maria do Céu Guerra) a quem calha o marido (Nicolau Breyner) morrer na primeira sequência do filme – e que ela continua a ver, em fantasma, não se sabe se por fantasia fílmica se por alucinação da protagonista. Ao terraço da senhora – com esplêndida vista sobre a cidade – desemboca um jovem (Jó/João Jesus), de pai alcoólico e violento, mãe ausente, vivendo de pequenos delitos e que um dia colaborou no roubo da carteira de Rosa. Calha que Jó está a fazer 18 anos, calha que um vizinho de Rosa deixou no terraço um sofá, uma mesa, um televisor (tudo ao relento, acredita-se?!). E calha que Rosa se afeiçoa do miúdo, ‘avó’ benévola. Calham muitas coisas, até memórias antifascistas, meu deus!, nesta ficção propensa ao lugar-comum, onde o argumento ora é mais drama, ora é mais para a gente se sentir confortada – mas onde o espectador sabe de ronha antiga que tudo vai acabar em bem. Bem demais, sublinharei, até porque o duplo *happy end* no Além e no Aquém extravasa o que a benevolência comporta. Claro que, entretantes, Maria do Céu Guerra vai fazendo uso de uma longa experiência e astúcia e leva a água ao seu moinho – e a nós com ela. Nicolau Breyner idem, mas a precisar de pouco mais que estar ali. João Jesus sustenta a nossa simpatia – não há rapazes maus, diz aquela cara o tempo todo, e acreditamos. Tudo apontado às bilheteiras, não ao que haveria para dizer que se não vê o que fosse. Parafrazeando APV, em tempos: “O cinema arrisca-se a ser confundido com um produto industrial bem confeccionado a que podem não ser alheias, em doses convenientes, umas certas preocupações sociais”. E concluía: “Com o que fica toda a gente contente. Menos eu”. Assino por baixo.

Jorge Leitão Ramos

